

RUGBY

QUADRIMESTRAL - ABR. '95 - N.º 9

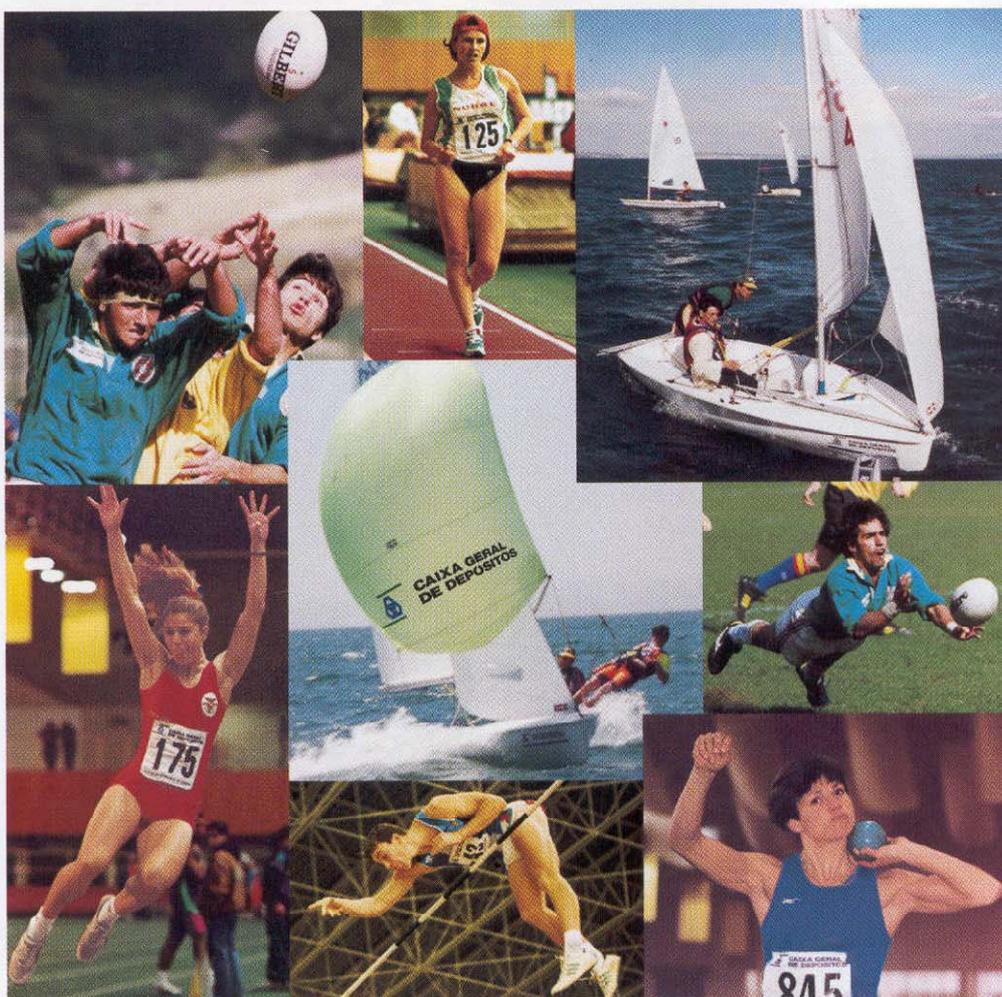
MAGAZINE

PREÇO: 300\$00

SELECCÃO:
**A vitória
da esperança**



CAMPEONATO:
**Luta até final
título em Cascais**



A CGD Apoia o Desporto Jovem

A Caixa Geral de Depósitos apoia um projecto global de qualidade de vida, onde se inclui a actividade desportiva.

Ciente da importância do desporto como elemento de formação dos jovens portugueses,

a CGD incentivou modalidades como o Atletismo, o Rugby e a Vela, contribuindo para os excelentes resultados já obtidos em campeonatos nacionais, europeus e mundiais.

A CGD continuará a fomentar a prática do desporto, para que a sua total implantação nas camadas mais jovens seja uma realidade.



CAIXA GERAL DE DEPOSITOS
Conte Connosco

SUMÁRIO

NOTÍCIAS

Juniores, Sub-22,
Rugby Feminino,
a Taça do
Mundo 99 no
P. Gales, etc., etc.

2

OPINIÃO

João Ataíde
escreve sobre a
unificação do
comando mundial
do rugby.

6

SELECÇÃO

Após sete
derrotas segui-
das, um "novo"
XV nacional
derrotou Marrocos.

12

CAMPEONATO

O Cascais con-
quistou o "tetra",
enquanto que
Benfica e Direito
desceram à II

14

ENTREVISTA

Emílio Mata
Pereira, presi-
dente da ANAR,
fala sobre a
arbitragem

18

T. DO MUNDO

Só falta um mês
para o início da
prova, partindo
os australianos
como favoritos

20



(Foto de José Carvalho / CM)

EDITORIAL

Um dos objectivos que a Direcção da Federação tem procurado atingir é o da melhoria do nível de jogo praticado nos diferentes campeonatos.

Nos juniores a situação é visível há duas ou três épocas, com reflexos na própria selecção nacional que voltou ao grupo A do Campeonato do Mundo, onde irá defrontar equipas de grande nível.

Nos seniores toda a gente é unânime em considerar que este foi o campeonato mais disputado dos últimos anos, tendo mantido a indecisão quanto à classificação final até perto do fim. O campeão só foi encontrado na penúltima jornada e as descidas para a 2.ª divisão ficaram definidas mesmo na última. No entanto, o aumento do número de praticantes continua dependente das decisões políticas para a concretização dos subsídios à construção de campos, deixando na gaveta o protocolo existente entre o Ministério da Educação e a F.P.R.. Será que temos de ir jogar para os jardins de São Bento para sermos ouvidos?

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR:

Luis Claro

REDACTOR:

António Henriques

CONSELHO EDITORIAL:

Raul Martins

Luís Penha e Costa

REDACÇÃO PROPRIEDADE
E ADMINISTRAÇÃO:

Federação Portuguesa de Rugby

REALIZAÇÃO GRÁFICA:

Impritécnica, Artes Gráficas, Lda.

PERIODICIDADE:

Quadrimestral

TIRAGEM:

1 500 exemplares



RAUL MARTINS

Presidente
da Federação
Portuguesa de Rugby

ESPECTÁCULO AO SOL

Sub-22 dão lição de bem jogar rugby

As esperanças portuguesas cilindraram Marrocos por 39 - 6, com 22 - 3 ao intervalo, reeditando a vitória do ano passado em Marrocos.

Foi um jogo sem história, tal foi o domínio lusitano, que começou a construir o triunfo logo nos primeiros minutos da partida.

O ascendente de Portugal foi total, quer no bloco avançado, quer nas linhas atrasadas.

Os sub-22 portugueses fizeram um jogo alegre, de constante movimento em que alternaram da melhor forma o jogo ao largo com o jogo em perfuração.

Não fossem as inúmeras substituições e Portugal poderia ter atingido um resultado ainda mais dilatado.

Portugal tem nesta selecção jogadores que a curto prazo poderão

alinhar no "quinze" principal, casos de João Gago, Luis Pissarra, Nuno Gomes, Alfredo Simões e Hugo Araújo.

Neste encontro Portugal alinhou e marcou: Pedro Fonseca (Cascais), Bruno Conceição (Belenenses), Tiago Esteves (Belenenses), [Fernando Esteves (Belenenses)], Vicente Maiau (Cascais) (5), [Afonso Alegre (Académica)], Rodrigo França (Técnico), Paulo Gonçalves (Benfica), Gonçalo (Direito), [Cláudio Sucena (CDUL)], João Gago (Belenenses) (Cap.), Luís Pissarra (Agronomia), [Francisco Rocha (CDUP)], Nuno Gomes (Cascais) (2, 3, 2, 2, 3, 2), Alfredo Simões (Técnico) (5,5), Francisco Gois (Direito), Miguel Barbosa (Belenenses), [César Tavares (U. Tomar) (5)], Miguel Portel (Direito), Hugo Araújo (Benfica) (5), Nuno Vaz (CRAV).



Hugo Araújo e Alfredo Simões, exibições de luxo frente a Marrocos

RUGBY FEMININO

Elas também já jogam



No passado dia 12 de Fevereiro realizou-se na Moita da Anadia o I Torneio Aberto de Promoção de Rugby Feminino, que contou com a participação de duas equipas: C. R. Arcos de Valdevez e Associação Académica de Coimbra / Curso de Desporto e Educação Física, tendo esta vencido por 5 - 0.

O II Torneio Aberto decorreu em 12 de Março no Estádio Universitário do Porto e

nele participaram, além das duas anteriores equipas, a formação da Faculdade de Desporto e Educação Física do Porto. Os resultados verificados foram os seguintes:

CRAV — AAC / CDEF 5 - 7
AAC/CDEF — FDEF Porto... 0 - 5

A próxima jornada, que será a última, terá lugar a 30 de Abril em Lisboa, no Estádio Nacional.

Aguarda-se que desta vez, com a presença de equipas do sul...

RUGBY PROFISSIONAL

Kirwan: mais uma deserção

Afinal John Kirwan não abandonou o rugby. Após ter entrado em litígio com o seleccionador Laurie Mains, o três-quartos ponta neo-zelandês resolveu deixar a modalidade de "quinze", passando para o rugby profissional de "treze". A notícia causou grande impacto na Nova Zelândia, onde Kirwan usufrui de um estatuto impar de grande figura desportiva do país.

O jogador assinou um contrato com os Auckland Warriors, que

disputam o Campeonato profissional australiano, no valor de 45 mil contos por dois anos.

Kirwan é o oitavo "All-Black" a passar para o rugby de "treze" desde 1990, seguindo as pisadas de grandes nomes como John Gallagher, Frano Botica, Ridge, Schuster, Innes, Tuigamala e John Timu.

E após a Taça do Mundo na África do Sul, certamente que a "sangria" vai continuar...

TAÇA DO MUNDO 99

20 equipas no País de Gales

Na sua tradicional reunião anual realizada em Bristol, a International Board decidiu que a 4.ª edição da Taça do Mundo a realizar em 1999 decorrerá no País de Gales. Esta opção foi escolhida por estreita margem — 12 votos contra 8 — em favor da realização da prova, na Austrália, e que contava com o apoio da Nova Zelândia e Japão.

Pela primeira vez a Taça do Mundo reunirá 20 equipas, mais 4 que nas três edições iniciais.

A final deverá realizar-se em Novembro no Arms Park de Cardiff.

Ao contrário do que aconteceu para a edição da prova deste ano, e para a qual se classificaram automaticamente os oito primeiros classificados da Taça do Mundo 91, para a edição 99 deverão em princípio qualificar-se apenas qua-

tro equipas: o país organizador e os três primeiros classificados na África do Sul.

Para esta vitória galesa, muito contribuiu o apoio dado pelos outros países britânicos e pela própria França. Com contrapartidas, claro. A Inglaterra deverá acolher as meias-finais. Irlanda e Escócia, os quartos-de-final, e uma das séries realizar-se-á em França.

Relativamente ao esquema de disputa da prova, ainda existem dúvidas: 4 séries iniciais de 5 equipas, passando os 2 primeiros à fase seguinte, ou 5 séries de 4 equipas, com o primeiro de cada série a passar automaticamente e os 5 segundos e o melhor terceiro, a disputarem entre si os três restantes lugares nos quartos-de-final. Esta opção daria lugar a três jogos suplementares.

TREINO COM MÁQUINA

Nigel Horton deu lições

O antigo internacional inglês Nigel Horton esteve em Coimbra e Lisboa, onde demonstrou todas as potencialidades da máquina Ritcher quer na "mêlée" quer nos reagrupamentos.

Recorde-se que vários clubes portugueses adquiriram esta máquina, tendo a acção de Horton, que é consultor da Ritcher, sido enquadrada

no âmbito da promoção da máquina.

As sessões foram bastante produtivas, tendo o internacional inglês demonstrado que a nova máquina ultrapassa em muito o tradicional conceito da máquina de "mêlée", sendo de grande utilidade no aperfeiçoamento da própria formação ordenada e no treino do "ruck" e "maul".

CAMPEONATO

Na próxima época só desce um à II

O plenário da direcção da FPR tomou duas decisões importantes em relação aos campeonatos nacionais, a entrar em vigor já na época de 95-96.

Desce à segunda divisão o último classificado do nacional, por troca com o campeão nacional da II Divisão.

Tem como primeira grande implicação que na próxima época, um dos

históricos do rugby nacional, Benfica ou Direito, continuará na II divisão.

A outra alteração, e não menos importante, foi em relação à classificação do campeonato. No final, só serão contabilizados os pontos da fase final, o que significa uma maior importância dada a esta última fase, em detrimento da fase de apuramento.

IMPRITEGNIA
ARTES GRÁFICAS, LDA.

Praticamos ideias

Dep. Criativo
Maquete - Arte Final
Fotocomposição - Fitolito
Impressão - Acabamento

RUA VELOSO SALGADO, 27 - R/C. ESQ. • 1600 LISBOA • TEL.: 793 56 89 - 793 57 68 • FAX: 796 54 00



JUNIORES PERDEM COM A ESPANHA

Mau ensaio geral para o mundial FIRA



Eric Galvão, mais uma boa exibição no XV Nacional
(Foto de Octávio Paiva / CM)

A Seleção Nacional de Juniores perdeu o tradicional encontro que todos os anos disputa com a sua congénere espanhola, no pretérito 26 de Março, por 21-5, com 8-0 ao intervalo.

Apesar desta derrota, Portugal ainda lidera nos encontros com a Espanha, tendo doze vitórias e onze derrotas.

Contudo no que respeita a pontos obtidos, Portugal apresenta um saldo negativo de 232 contra 261.

A vitória espanhola não sofre contestação, não pelo domínio ou supremacia manifestados, mas pela forma como aproveitou os muitos erros dos portugueses.

O seleccionado luso cometeu erros infantis, tendo oferecido pontos atrás de pontos a "nuestros hermanos", alguns deles verdadeiramente inacreditáveis.

Para além disso, Portugal jogou

de forma apática durante mais de 50 minutos, só imprimindo um ritmo vivo quando a partida já estava perdida.

Os espanhóis, com a obtenção de três ensaios, chegaram a estar a vencer por 21-0, num encontro em que o domínio territorial foi repartido.

As fases estáticas de conquista foram equilibradas, tendo os portugueses alguma vantagem nos alinhamentos, enquanto que nos reagrupamentos, e nomeadamente nos "rucks", os espanhóis levaram vantagem.

O jogo das linhas atrasadas

foi também equilibrado, embora com algum ascendente espanhol, tendo Portugal baqueado completamente no jogo ao pé.

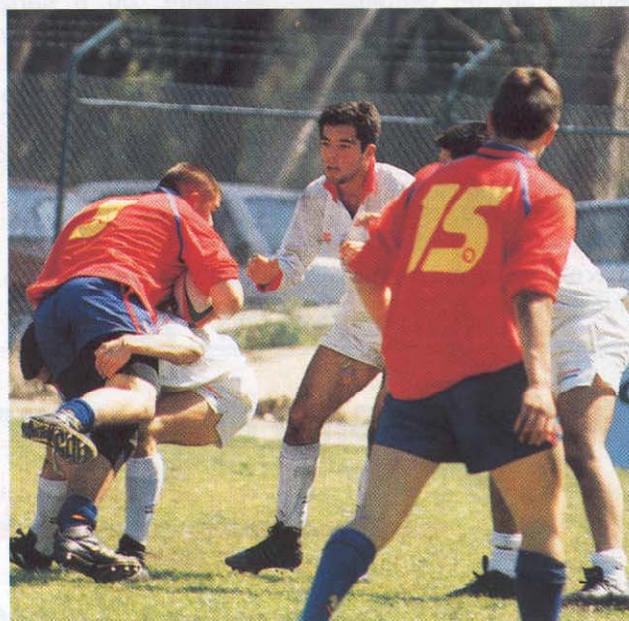
O XV nacional tem que em futuros jogos ser mais dinâmico e corrigir os erros, que em certa medida são desculpáveis, devido à inexperiência da equipa.

Com boa arbitragem do romeno Vasilica as equipas alinharam e marcaram.

Portugal — Pedro Ramos (Belenenses),

Pedro Meireles (CDUP) (Cap.), Bruno Fróis (Cascais), João Grenho (Benfica), [Marco Figueiredo (Belenenses)], Marcelo d'Orey (CDUP), Pedro Bento (Évora), Álvaro Ramalho (Técnico), Pedro Salgueiro (CDUL), Pedro Chança (Benfica) (5), Rui Ribeiro (Benfica), André Barros (Telecom), [Luís Cavaco (Técnico)], Nuno Sequeira (Académica), João Mota (Direito), Eric Galvão (CRAV), Nuno Garvão (Cascais), [Pedro Braga (Cascais)].

Espanha — Sérgio Aguilar, Roberto Pintado, Miguel Gomez, Mário Gutierrez, Andres Martinez, Calixt Vallue, Pablo Larrauri, Carlos Sovito, Aratz Gallostegui, Aitor Etxeberria, Jesus Bedmar, António Gonzalez, Alberto Cecilia, Miguel Claramunt (5,5), Ferran Velazco (3,5,3).



Não foi por falta de placagem que Portugal baqueou
(Foto de Octávio Paiva / CM)

adidas® Artigos de Desporto, Lda.

Carlos Nobre - Rugby, dedicação de uma vida



Benfica / CDUL, 1974



Escolas do Benfica, 1954



Portugal / Itália, 1972

Carlos Alberto Nobre Ferreira

Atleta do S. L. e Benfica
 Sócio N.º 2234 (Início 8/3/48)
 Escolas de Rugby de 1954 a 1957
 Jogador de Rugby de 1958 a 1980
 Internacional "A" 21 vezes (1965/73):
 Espanha 6 vezes - Itália 4 - Marrocos
 3 - Polónia 2 - França, Roménia,
 Holanda, Bélgica, Suíça e Jugoslá-
 via 1.
 Nas seguintes posições: M. Form - M.
 Abert. - Centro - Ponta - Asa e N.º 8.

Títulos conquistados como atleta:

Torneios Sevilha 2 (1969 e 1970).
 Torneio Ibérico 1 (1971).
 C. Nac. I Divisão 5 (1960/61/62, 1970
 e 1976).
 C. Nac. II Divisão (Reservas) 2
 (1975 e 1976).
 Taças de Portugal 7 (1961, 1965,
 1966, 1970, 1971, 1972 e 1975).
 Camp. Reservas 5 (1966, 1967, 1970,
 1974, 1979).
 600 Jogos e mais de 3000 pontos.

Títulos conquistados como treinador:

3 C. Nac. I Div. (1986, 88, 91).
 3 Taças Portugal (1983, 84, 85).
 2 Taças Ibéricas (1986, 88).



Portugal / Itália, 1973



Vencedor do Torneio Ibérico, 1971



Com Barry John, 1994

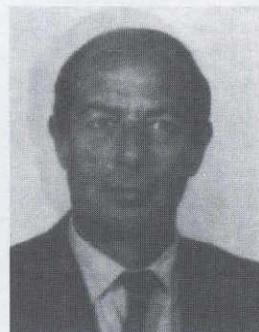


Espanha / Portugal, 1970

UNIFICAÇÃO DO COMANDO MUNDIAL DO RUGBY

A FIRA e o IRFB

O VICE-PRESIDENTE DA FIRA JOÃO ATAÍDE ANALISA O PROTOCOLO DE VANCOUVER E O SONHO DE MUITA GENTE LIGADA À MODALIDADE: UM COMANDO ÚNICO PARA O RUGBY MUNDIAL.



A coexistência do International Board (IRFB) e da FIRA conquanto pacífica, e até colaborante, em nada tem contribuído para o desenvolvimento e expansão deste desporto.

De um lado o IRFB, instituição centenária, tem visto o seu peso real assentar fundamentalmente no facto de ser a sede das regras do jogo. Fora isso, e até recentemente, pouco se lhe deve. Acentuadamente elitista, circunscrita até 1986 ao "núcleo duro" incluindo a França, a qual só ao bater da porta pela terceira vez se viu admitida no clube exclusivo.

A partir daquela data, os "oito" abriram um portão e foram entrando numerosos países, aos quais foi reconhecida nessa altura a categoria de "associated members".

A FIRA, cujo nascimento está historicamente marcado pela ressaca dos "nãos" respondidos à França, é ainda produto da marginalização de que eram vítimas os outros países. Tem sido o motor da organização de campeonatos e torneios internacionais, e vem empenhando-se em tarefas de formação de técnicos e árbitros.

Ora o sonho de que falei a princípio, tudo indica que é possível concretizar-se. Há, portanto, alguns motivos de alegria e satisfação. Pena é que a alegria seja ensombrada por factos e atitudes lamentáveis (e evitáveis!), tão lamentáveis como o próprio método que está a ser perfilhado para se atingir o desejado objectivo.

Vamos por partes.

1 - A causa próxima do arranque para a unificação não foi uma atitude consciente, meditada, deliberada. Simplesmente o que se passou foi que, com diferença de dias (!!) o IRFB e a FIRA foram solicitar o reconhecimento pelo Comité Olímpico Internacional (COI). Claro está que o presidente do COI respondeu, sensatamente, "Cavalheiros, entendam-se! Não podemos reconhecer os dois". Óbvio.

2 - Como é que os tais cavalheiros se entenderam? Lamento dizê-lo: de uma forma bizarra!

O IRFB reúne-se em Vancouver e cozinha-se ali um documento, a que se dá o nome de Protocolo, com o inteiro e, diz-se, entusiasmado acordo do Sr. Lapasset (Presidente da FFR). Faltava a seguir conseguir a assinatura do nosso amigo Alberto Ferrasse, presidente da FIRA. Isso também se alcança; e se calhar com mais facilidade do que seria de esperar. Cautelosamente, a versão francesa dá ao texto o título de "projecto".

3 - Antes de analisar o Protocolo, não será desinteressante imaginar as três hipóteses técnicas que existiam, à partida, com vista à unificação:

a) *Desaparecimento do IRFB, ficando a FIRA como único organismo mundial.*

Completamente impossível. Só um psicopata admitiria que os britânicos iam nessa.

b) *Constituição de um novo organismo, acima da FIRA e do IRFB, passando estas à categoria*

de Federações Regionais. A FIRA passaria a FERA/Federação Europeia Continental, ou, quando muito FENAR, para abranger Marrocos, Tunísia, mesmo Israel, e o IRFB seria a federação das quatro nações britânicas. O resto do mundo organizar-se-ia em federações regionais.

E todos se filiarium no tal novo organismo. Esta seria a alternativa tecnicamente mais correcta e, com alguma cautela, não perderia o amor próprio e a dignidade de ninguém. Aceitariam os britânicos? Talvez, se no organismo mundial se lhes reconhecesse alguma força.

c) *Submissão da FIRA ao IRFB, com perda natural da sua dimensão planetária, passando a Federação Regional Europeia, etc.*

Ora bem: parece que terá sido este o pensamento enformador do Protocolo de Vancouver, mas que o faz em termos no mínimo bastante infelizes. Criou e deixou em aberto mais problemas do que resolveu.

4. Vamos então ao Protocolo

4.1. - *O IRFB aceita a FIRA como um dos seus membros filiados.*

Para além do "aceita", de que não gosto, aqui a minha primeira perplexidade. Então um organismo de dimensão mundial, com 63 países-membros, recebe a filiação de outro organismo de âmbito mundial com 58 países-membros, sendo que a maioria dos membros da IRFB constituem também a maioria dos membros da FIRA?! Dá para perceber? O correcto seria uma

futura FERA (ou FENAR) vir a filiar-se na IRFB.

4.2. - *O IRFB delega na FIRA a responsabilidade pelo desenvolvimento do Rugby nos países-membros da FIRA.*

Depois do comentário anterior, continuo sem perceber. Para quê delegar se os países-membros são quase coincidentes?

4.2.1. — *Esta delegação produz efeitos por um período de dois anos, até à Assembleia Geral de 1996 do IRFB.*

Se tudo estivesse lógico, por exemplo, no sentido que atrás sugeri, seria aceitável uma delegação experimental.

Aproveito para chamar a atenção para um detalhe: ao contrário do que já ouvi dizer após leitura apressada do Protocolo, só a delegação é que é a termo certo; a filiação é, digamos, definitiva.

4.2.2. - *No fim deste período de dois anos, os países-membros simultaneamente do IRFB e da FIRA, escolherão entre permanecer na FIRA ou juntar-se a outro agrupamento de países que exista nesse momento no interior do IRFB.*

Que grande confusão! Daqui a dois anos podemos ter situações realmente muito lógicas, claras, fáceis de entender. Tais como haver numa Federação Sul-Americana de Rugby inserida no IRFB e o Uruguai estar filiado na FIRA. Ou a China ser membro da FIRA havendo uma Federação Asiática no Extremo-Oriente!

4.2.3. - *O desenvolvimento do Rugby, confiado à FIRA, será coordenado com o plano estratégico do IRFB e com as competições da Taça do Mundo de Rugby.*

Continua a infelicidade. Se, ou quando, a FIRA passar a FERA (ou FENAR) ela pode ter os seus planos próprios. Ou será melhor haver um plano geral, discutido no seio da IRFB, e depois executado por cada Federação Regional?

4.2.4. - *A FIRA poderá pedir ao Fundo de Desenvolvimento do Rugby (International Rugby Settlement) uma ajuda financeira para cobrir os custos administrativos ligados a sua delegação de responsabilidades.*

Quer dizer: a FIRA continua a fazer o que está a fazer, mas agora por delegação, e doravante vai ter (ou "pode pedir"?) ajuda financeira.

Não obstante, era bom que se tivesse sido claro quanto ao significado de "custos administrativos". Papel de carta? Esferográficas? Ou vai muito mais além e, por pudor, ficaram-se por eufemismos?

4.3. - *O IRFB reconhece o Campeonato do Mundo de menos de 19 anos que continuará a ser organizado sob a égide da FIRA.*

À situação a que chegaram no Protocolo seria muito mais adequado este Campeonato ser organizado sob a égide do IRFB, embora a sua organização concreta fosse levada a cabo pelas federações regionais.

Será que o IRFB teve pena da FIRA e decidiu, com cristã magnanimidade, deixar-lhe um consolo?

De qualquer forma, como moeda de troca, é fraquinho. O Campeonato de Juniores, mesmo sem o reconhecimento do IRFB, tem vindo a ter crescente participação. Mas porque este bonito e louvável gesto do IRFB não é extensivo ao Campeonato de Seniores?

4.4. - *Na modalidade de membro do IRFB, a FIRA reconhece que o reconhecimento (sic) do Rugby pelo COI é matéria exclusiva do IRFB, que se tornará conseqüentemente o organismo desportivo representante do Rugby no seio do COI.*

Cá está. Eu bem dizia. E, ao contrário da história, o rato pariu a montanha. Ou o monstro...

4.5. - *O IRFB e a FIRA actualizarão, de comum acordo, os seus estatutos e regulamentos para reflectir os pontos acima.*

HIC LABOR EST! Aqui é que a porca (sem ofensa) torce o rabo. Como irá o IRFB descalçar a bota?

Vejam

4.5.1. - Na sua estrutura actual o IRFB compreende dois órgãos: o Conselho (Council) e a "Assembleia Geral" (General Meetings).

O verdadeiro, diria único, poder

está nas mãos do Council. Os General Meetings pouco ou nada mais são do que um verbo de encher. Recomendo a leitura das Bye-Laws, em especial do art.º 8.º. Depois digam-me se exagerei.

O Conselho tudo pode, inclusive alterar as referidas Bye-Laws. Isto é, regulamenta as suas próprias atribuições e competências.

(E bati-me eu contra a autocracia francesa na FIRA!...)

Mas, há mais. Quem compõe o Council?

— 2 representantes das "Foundation Unions", cada um com um voto; isto é, só aqui contam 16 votos.

— Representantes de outras federações "convidadas" que são a Argentina, Canadá, Itália e Japão. Um representante por país, isto é, 4 votos.

Não há assim nada que faça perigar a maioria dos ditos fundadores.

4.5.2. — Muito trabalho vai ter o Council para (de comum acordo com a FIRA!) modificar as Bye-Laws.

Admitir-se-ão no IRFB, em paralelo, federações regionais e "Unions" nacionais? Abdicarão as "Foundation Unions" dos seus privilégios e prerrogativas?

5. Não devo acabar sem expressar, de forma necessariamente sintética, o que julgo que devia ser feito, e a ordem cronológica dos acontecimentos. Assim:

— Alteração das Bye-Laws do IRFB no sentido de assegurar a democratização deste organismo, designada e especialmente no que toca ao acesso ao Council e poder de voto dentro deste órgão.

— Transformação da FIRA em FERA (ou FENAR).

— Filiação da FERA (ou FENAR) no IRFB, bem como de outras federações regionais entretanto criadas, incluindo uma Federação britânica.

Tudo isto urgentemente. Vá lá, até ao fim de 1995.

6. De qualquer modo pode guardar-se algum optimismo porque alguma coisa se salva, e que será até o mais importante: a vontade de unificar. ●

5 Nações

FAVORITOS CONQUISTARAM O SEU 11.º "GRAND SLAM"

Esquadra Inglesa sem rival

SE DÚVIDAS AINDA SUBSISTIAM SOBRE A INGLATERRA CONSTITUIR OU NÃO A MELHOR SELECÇÃO EUROPEIA, O TORNEIO DESTA ANO DISSIPOU-AS.

MAS O PODER DEMONSTRADO SOBRE OS RIVAIS EUROPEUS, CHEGARÁ PARA VENCER NA TAÇA DO MUNDO AS POTÊNCIAS DO HEMISFÉRIO SUL?

Faltam poucos minutos para terminar o último jogo do Torneio em Twickenham, e a Inglaterra lidera por 21-12. O árbitro assinala um pontapé a poucos metros da linha de ensaio escocesa, e o capitão Carling, em vez de jogar à mão, como pede o público, decide-se pelo chuto aos postes.

Rob Andrew concretiza o seu oitavo pontapé do dia e estabelece os definitivos 24-12. Se são as últimas imagens que permanecem, "esta" Inglaterra, grande dominadora do rugby europeu, não irá conseguir sagrar-se Campeã do Mundo na África do Sul.

Jack Rowell conseguiu formar uma selecção da "rosa" compacta e mais concretizadora que as suas antecessoras (9 ensaios esta época contra 2 obtidos no ano passado). Mas parece-nos que o verdadeiro "jogo de movimento" por ele pretendido ainda vem longe.

Claro que tudo se torna mais fácil com aquele demolidor "pack" avançado, talvez sem rival neste momento a nível mundial (e os



Rob Andrew teve papel preponderante na vitória inglesa

australianos que nos desculpem...), e no qual todos os seus elementos se comportam como se de "3.ª linhas" se tratassem.

As linhas atrasadas — do melhor que os ingleses tiveram desde sempre — dão garantias de espectáculo, com destaque para o regressado Jeremy Guscott e os irmãos Underwood (3 ensaios para Tony e 2 para Rori nos 4 jogos).

Para finalizar, o "pequenino" por menor de possuir talvez o melhor chutador da actualidade: Rob Andrew, que nos quatro jogos obteve 14 pontapés de penalidade, 1 de ressalto e 4 transformações.

Para consumo europeu, o jogo inglês, chegou e bastou: poderoso, eficiente, eficaz.

Mas a grande questão mantém-se: Na Taça do Mundo chegará para australianos, neo-zelandeses e para os hóspedes sul-africanos?

A Escócia, depois do último lugar obtido o ano passado, constituiu a grande surpresa do Torneio. Comandados por um Gavin Hastings ao nível dos seus melhores tempos, os escoceses

5 Nações

RESULTADOS

França - P. Gales	21 - 9
Irlanda - Inglaterra	8 - 20
Inglaterra - França	31 - 10
Escócia - Irlanda	26 - 13
França - Escócia	21 - 23
P. Gales - Inglaterra	9 - 23
Irlanda - França	7 - 25
Escócia - P. Gales	26 - 13
Inglaterra - Escócia	24 - 12
P. Gales - Irlanda	12 - 16

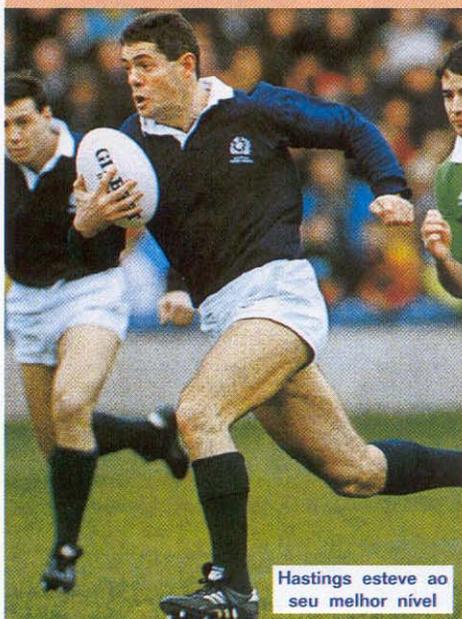
chegaram ao último jogo com a possibilidade de arrecadarem tudo: vitória final, "Grand Slam", "Triple Crown" e Calcuta Cup. Não o lograram, mas além de serem a única selecção que não sofreu ensaios da Inglaterra (as restantes equipas sofreram 3 cada qual), deixaram uma impressão bem positiva.

A França, apresentada como a favorita após a excelente digressão efectuada à Nova-Zelândia no verão passado, foi a maior desilusão da prova. E como é habitual "chez les bleus", pede-se agora a cabeça dos responsáveis: dirigentes, jogadores e o próprio responsável técnico, Pierre Berbizier.

Analisa-se novas fórmulas de disputa do campeonato francês, pretendem-se grandes mudanças

MELHORES MARCADORES

Gavin Hastings (Escócia)	56 pontos
Rob Andrew (Inglaterra)	53 pontos
Neil Jenkins (P. Gales)	38 pontos
P. Saint - André (França)	20 pontos
Thierry Lacroix (França)	19 pontos



Hastings esteve ao seu melhor nível

no XV nacional, sugerem-se inclusivamente alterações no tipo de jogo utilizado por Berbizier. E tudo isto a apenas dois meses do início da Taça do Mundo!

Só duas certezas subsistem: a França vai melhorar até lá, e o capitão Philippe Saint - André (melhor marcador de ensaios do Torneio, com 4), confirma-se como um verdadeiro líder, o que vinha faltando nas últimas épocas aos galeses.

As duas mais frágeis equipas, Irlanda e P. Gales decidiram no último dia quem seria o detentor da colher de pau para o último classificado.

Os irlandeses, que se apresentaram sem um chutador consistente, provaram que o seu tradicional "fighting spirit", uma primeira linha poderosa, o regressado Brendan Mullin (2 ensaios) e um ponta como Simon Geoghegan, o mais rápido da sua história, não chegam para fazer uma boa equipa.

Após a vitória do ano passado, os galeses dizimados por abandonos para o rugby profissional e por uma onda de lesões verdadeiramente arrasadora, averbaram só derrotas, e apenas marcaram um ensaio, por intermédio do sempre excelente Robert Jones.

CURIOSIDADES

- Com os 56 pontos conseguidos este ano, GAVIN HASTINGS passou a constituir o terceiro melhor marcador de sempre em jogos internacionais: tem agora um total de 544 pontos ao longo da sua carreira (56 internacionalizações). À sua frente encontram-se o australiano MICHAEL LYNAGH (813 pontos em 67 jogos) e o neozelandês GRANT FOX (645 pontos em 46 jogos).

- Quanto a ROB ANDREW, atingiu a marca de 317 pontos marcados em jogos internacionais, ultrapassando os 296 de JONATHAN WEBB, até aqui o melhor marcador inglês.

- Os 24 pontos obtidos por ROB ANDREW na última jornada, fizeram-no igualar o recorde de pontos conseguidos num jogo do Torneio, que era pertença de SÉBASTIEN VIARS (França-Irlanda em 1992).

- A Inglaterra conquistou o seu 11º "Grand Slam". Seguem-se o P. Gales (8), França (4), Escócia (3) e a Irlanda com apenas um (1948).

- WILL CARLING tornou-se o primeiro jogador de sempre a conquistar três "Grand Slams" como capitão.

- Tal como em 1991, a Inglaterra voltou a conquistar o "Grand Slam" jogando sempre com o mesmo XV inicial. Tal proeza já fora conseguida anteriormente pela França (1977) e Escócia (1990).

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	P. Marc.	P. Sofr.	P	Ensaio
Inglaterra	4	4	-	-	98	39	8	9
Escócia	4	3	-	1	87	71	6	6
França	4	2	-	2	77	70	4	10
Irlanda	4	1	-	3	44	83	2	5
P. Gales	4	-	-	4	43	86	0	1

O nível demonstrado pelos suplentes galeses não é de molde a dar confiança aos responsáveis pela selecção, nem aos seus apauiguados, e assim as perspectivas para a próxima Taça do Mundo não são famosas. ●

Após o Torneio deste ano, os resultados de todos os jogos realizados entre as cinco equipas passaram a ser os seguintes (V, E, D referem-se à equipa mencionada em primeiro lugar):

Jogos	V	E	D
Inglaterra - Escócia	56	17	39
Inglaterra - Irlanda	108	8	38
Inglaterra - P. Gales	101	41	48
Inglaterra - França	71	40	24
Escócia - Irlanda	106	56	45
Escócia - P. Gales	99	43	54
Escócia - França	66	31	32
Irlanda - P. Gales	98	34	58
Irlanda - França	68	25	38
P. Gales - França	69	37	29

SEGUNDA PRESENÇA CONSECUTIVA EM HONG-KONG

Participação sem brilho

A UMA SELECÇÃO NACIONAL PRESENTE NO MAIOR TORNEIO DO MUNDO E SEM POSSIBILIDADE DE EFECTUAR QUALQUER TREINO ESPECÍFICO DE "SEVENS", NÃO SE PODERIA EXIGIR MUITO MAIS. E O EMPATE INAUGURAL FRENTE À IRLANDA ACABOU POR SABER A POUCO...



A Selecção Nacional do "Sevens" presente em Hong - Kong

A pós a excelente presença tida no ano passado — finalista derrotado na Bowl Cup, Taça para os terceiros classificados do primeiro dia, frente à selecção de Hong-Kong — Portugal voltou a ser convidado para participar na 20.ª edição do mais importante Torneio do Mundo na variante de "sete".

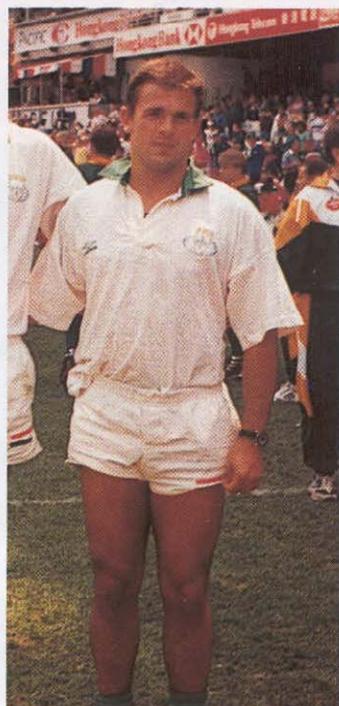
Como habitualmente participaram neste Hong-Kong Invitation Sevens 24 equipas. Durante o fim-de-semana os jogos tiveram uma assistência da ordem dos 40 mil espectadores, tendo sido televisionados para mais de 60 milhões de pessoas através da BBC, detentora dos direitos mundiais de transmissão.

A participação nacional

iniciou-se com um excelente e inesperado empate frente à selecção da Irlanda a 12 pontos. Portugal venceu ao intervalo por 12-5, através de ensaios de Murinelo e Vilar Gomes, tendo este convertido um dos ensaios. Contudo na segunda parte, a nossa selecção não conseguiu resistir ao ritmo imposto pelos

irlandeses, que viriam a empatar a partida.

No segundo jogo, a formação nacional chegou ao intervalo empatada 7-7 com a Namíbia. Mas também no derradeiro período, os africanos, mais rodados e melhor preparados, não permitiram veleidades ao nosso "sete", que acusou dificuldades de recu-



Tomás Morais marcou 2 ensaios

Sevens

peração do esforço da partida contra a Irlanda, e vieram a triunfar por claros 24-7.

É sintomático o facto de Portugal não ter obtido qualquer ponto nas segundas partes dos dois jogos.

No último dia do Torneio, e ao contrário do ano transacto, a nossa prestação não foi tão boa, tendo perdido logo no encontro inicial frente à Tailândia, a quem ganhámos em 94 por 24-17, embalando então para a final da Bowl Cup.

Um ensaio de Tomás Morais convertido por Vilar Gomes, não chegou para os dois ensaios (12 pontos) conseguidos pelos asiáticos, que demonstraram possuir mais ritmo de "sevens", que os portugueses.

A participação nacional acabou assim por se saldar por um relativo fracasso, que era aliás aguardado e para o qual fácil se torna encontrar explicações.

Devido ao jogo com

Marrocos a contar para o Torneio FIRA, os jogadores portugueses apenas puderam efectuar o seu primeiro treino já em Hong-Kong e após uma viagem de 20 horas de avião, tendo sido o tempo manifestamente escasso para realizar uma preparação condizente com o elevado nível atingido nesta edição pelas equipas presentes.

Para João Paulo Bessa, seleccionador nacional **"os jogadores fizeram o que estava ao seu alcance. As exhibições não foram más e conseguimos empatar com a Irlanda, o que foi muito importante"** Quanto a voltar a Hong-Kong, declara **"Embora o Torneio se dispute num período mau para os nossos jogadores, gostaria de voltar no próximo ano. O rugby de sete exige uma preparação e um ritmo especiais, sendo por isso necessário**



A nossa selecção no habitual desfile dos participantes

preparar com mais tempo a nossa selecção.

Não se conseguir uma selecção com apenas três treinos efectuados a defrontar de igual para igual equipas com dois meses de preparação.

Quanto à final do Torneio, a N. Zelândia repetiu a vitória do ano passado, desta vez fren-

te aos especialistas das Fiji, por 35-17.

Os dois finalistas constituíram sem qualquer dúvida as melhores equipas da prova, tendo nas meias-finais os "All Blacks" derrotado a Samoa Ocidental por claros 26-0, enquanto que as Fiji "despacharam" surpreendentemente a forte selecção australiana por concludentes 35-5. ●

OS JOGOS DE PORTUGAL

25 de Março 1995

Portugal 12 - Irlanda, 12

Portugal: Nuno Durão, Vasco Durão, Pedro Murinelo (5), João Jonet, Rodrigo C. Pereira, Tomás Morais, J. M. Vilar Gomes (5,2).

Portugal, 7 - Namíbia, 24

Portugal: Nuno Durão, Vasco Durão, Pedro Murinelo, João Jonet, Rodrigo C. Pereira, Tomás Morais (5), J. M. Vilar Gomes (2).

26 de Março 1995

Portugal, 7 - Tailândia, 12

Portugal: António Cunha, Vasco Durão, Pedro Murinelo, Pedro Neto, Rodrigo C. Pereira, Tomás Morais (5), J. M. Vilar Gomes (2).



N. Zel. e Fiji encontraram-se na final perante 40.000 espectadores

TRIUNFO NO JOGO DE ABERTURA DA FIRA

Sofrer a bom sofrer numa vitória claríssima

NÃO FOSSEM OS PONTAPÉS FALHADOS, O ENSAIO OFERECIDO, ALGUMAS FALHAS NO JOGO AO PÉ, E PORTUGAL TERIA CONSTRUÍDO O RESULTADO MAIS DILATADO DE SEMPRE FRENTE A MARROCOS.

MUITAS CARAS NOVAS E O ARRISCAR MAIS NO JOGO À MÃO, OS DOMINANTES DA "NOVA" SELECÇÃO DE JOÃO PAULO BESSA.

Teve tanto de justo como de difícil o triunfo do "quinze" nacional frente a Marrocos.

Foi uma vitória suada, em que esta só poderia sorrir a Portugal, já que os africanos não construíram uma única situação de ensaio possível, tendo surgido o que marcaram num erro de transmissão do oval entre os jogadores portugueses.

Este triunfo não deixa de ser muito importante, já que se segue a um ciclo de sete derrotas consecutivas e também, e não menos importante, porque se estrearam no "quinze" nacional, quatro novos jogadores, mudando também toda a estrutura da época passada.



Um ataque à mão com vantagem numérica para Portugal (Foto de Octávio Paiva / CM)

Apesar da vitória portuguesa não sofrer contestação, o jogo foi equilibrado territorialmente, pese embora o facto de todas as situações perigosas terem sido construídas por Portugal.

Duas pechas a assinalar no jogo nacional: o jogo ao pé e os reagrupamentos.

No jogo ao pé, o capitão Nuno Durão esteve numa tarde infeliz,

não progredindo no terreno com eficácia ou colocando o oval nas mãos do adversário.

Também nas tentativas aos postes, Vilar Gomes esteve infeliz, falhando a conversão de desasseis pontos, alguns deles fáceis.

No jogo de avançados, e nomeadamente nos reagrupamentos, Portugal esteve aquém do desejável, perdendo muitas bolas para o adversário, algumas delas iniciadas em movimentos de perfuração portugueses.

Já nas fases estáticas de conquista, "mèllée" e "touche", o XV nacional esteve bem, garantindo as suas introduções.

No jogo das linhas atrasadas,

Seleção

todas as iniciativas de jogo à mão foram portuguesas, tendo a linha de vantagem sido batida por diversas vezes.

O comportamento defensivo foi bom, não nos recordando nenhuma situação em que os marroquinos passassem a linha da vantagem no jogo das linhas atrasadas.

Em relação à época passada, Portugal arrisca muito mais na progressão no terreno, procurando os desequilíbrios defensivos e a constante procura de espaços para jogar.

Melhorando na conquista de bola nos reagrupamentos, aumentando a solidez da "mêllées" e "touches", progredindo ao pé com eficácia, e transformando penalidades. Portugal poderá fazer uma boa campanha. E quem sabe, talvez mesmo bater o pé ao eterno rival, a Espanha. ●

O FILME DO JOGO

- 1' - PP - Vilar Gomes - Falhou
- 10' - PP - Vilar Gomes - 3 - 0
- 17' - ENS - Vilar Gomes - 8 - 0
PT - Vilar Gomes - Falhou
- 19' - Nuno Neto substitui
António Esteves
- 27' - PP - Vilar Gomes - Falhou
- 33' - PR - Ousalmi - 3 - 8
- 40' - ENS - Nadir - 8 - 8
PT - Ousalmi - 8 - 10
- 46' - PP - Oufrieh - Falhou
- 48' - PP - Ousalmi - 8 - 13
- 54' - ENS - J. Jonet - 13 - 13
PT - Vilar Gomes - Falhou
- 65' - PR - Bibars - 13 - 16
- 67' - PP - Vilar Gomes - Falhou
- 71' - PP - Vilar Gomes - 16 - 16
- 76' - PP - Vilar Gomes - Falhou
- 79' - PP - Vilar Gomes - 19 - 16
- 84' - ENS - Castro Pereira - 24 - 16
PT - Vilar Gomes - 26 - 16



Vilar Gomes, dia infeliz nos pontapés colocados (Foto de Octávio Paiva / CM)



Pedro Rogério em perfuração
(Foto de Octávio Paiva / CM)

PORTUGAL, 26 — MARROCOS, 16

19 de Março 95

Estádio Universitário de Lisboa (Campo de Honra)

Árbitro: Atorrasagasti (Espanha)

Portugal — Filipe Braga (CDUL), Nuno Morais (Cascais), Joaquim Ferreira (CDUP), Pedro Rogério (Cascais), Rebelo Andrade (CDUL), António Esteves (CDUL) Nuno Neto (CRAV), António Cunha (Belenenses), Alexandre Lima (Cascais), João Jonet (Cascais) (5), Nuno Durão (Cascais) (Cap.), Vasco Durão (Cascais), Tomás Morais (Cascais), R. Castro Pereira (Cascais) (5), Pedro Murinelo (Cascais), Vilar Gomes (Cascais) (3, 5, 3, 3, 2).

Treinador: João Paulo Bessa.

Marrocos — Belgmitate, Oucmen (Cap.), Nouri, Majdoubi, Hamli, Touil, Andoh, Khaldoun, Bouzidi, Bibars (3,3), Nadir (5), Chemam, Oufrieh, Eloula. Ousalmi (3, 2).

Treinador: Belbaraka

Ao intervalo: 8-10

Campeonato

LUTA DO TÍTULO COM EMOÇÃO ATÉ FINAL

Mais um para Cascais!

A FASE DE APURAMENTO DO NACIONAL DA I DIVISÃO CONSTITUIU UMA TOTAL SURPRESA, TAL FOI O NÚMERO DE FACTOS "ANORMAIS" OCORRIDOS, EM QUE TODOS GANHARAM A TODOS, OU QUASE...

CASCAIS, DIREITO E BENFICA EM QUEDA, CDUL RENASCIDO, BELENENSES E ACADÉMICA EM ALTA, FORAM AS DOMINANTES DA FASE FINAL DA PROVA.

O Cascais, conquistou o quarto campeonato consecutivo, quinto do seu historial, numa prova em que contra

co da modalidade, e Direito, segundo da temporada passada, descem à segunda divisão.

O Cascais revalidou o título de

apuramento, onde averbou dois empates e três derrotas.

No entanto fez uma fase final sólida e consistente, só tendo per-



Quarto título consecutivo para o Cascais apesar dos desaires inesperados frente ao CDUL (Foto de Octávio Paiva / CM)

todas as expectativas o ascendente cascalense não foi gritante. A Académica fez um bom campeonato, enquanto o Benfica um históri-

campeão, com inteira justiça, apesar de ter passado por alguns sobressaltos e desaires inesperados, nomeadamente na fase de

didado pontos perante o CDUL. Aliás nos quatro jogos realizados entre as duas equipas, Cascais não venceu nenhum.

Campeonato



A Académica esteve até perto do final na corrida do título

O "quinze" da linha teve em relação a anos anteriores uma quebra de produtividade, tendo continuado a denotar algumas dificuldades quando bem pressionado.

Apesar de tudo, foi o quinze que mais pontos marcou e aquele que menos sofreu. A maior figura do "quinze" da linha foi o sul-africano Russel Nelson, tendo sido também peças fundamentais. Nuno Morais, João Jonet, Nuno Durão e J. M. Vilar Gomes.

O Belenenses, a equipa mais jovem do campeonato, acabou por se sagrar vice-campeã nacional. Alguns jogos revelaram a imaturidade do "quinze", a qual lhe valeu a perda de alguns pontos.

Os azuis são o conjunto com mais possibilidades de se baterem com o Cascais na próxima época, pese embora o facto de na presente temporada terem sido derrotados pelos cascalenses nas quatro partidas disputadas entre si.

A experiência adquirida no presente campeonato, mormente no bloco avançado, poderão fazer do

Belenenses o "quinze" sensação do próximo campeonato.

A Académica, foi uma das surpresas da prova tendo-se mantido até final na luta pelo título nacional. A sua principal arma foi o bloco avançado, muito forte nas fases de conquista e nos movimentos em perfunção.

Os estudantes foram também eficazes na manobra defensiva, pecando contudo nos movimentos atacantes pelas linhas atrasadas.

Não deixa de ser surpreendente que a Académica, campeã da segunda divisão, tenha feito uma prova de qualidade, batendo adversários à partida mais apetrechados e com outras aspirações.

O CDUL voltou a ser quarto classificado tendo apresentado algumas lacunas no jogo das linhas atrasadas (Se Nuno Tomás tivesse efectuado mais jogos...). O "pack" avançado continuou a ser a principal arma, jogando muito bem em todas as fases do jogo. O escasso número de jogadores disponíveis e o não rejuvenescimento da equipa são os principais problemas dos universitários, que continuam a ter problemas nos escalões de formação nomeadamente nos juniores.

No entanto o CDUL continua a ser o "quinze", que maior rendimento tira dos jogadores e aquele que mais escrupulosamente cumpre um plano tático.

Não é por acaso que os "universitários" impuseram três derrotas e um empate ao campeão

Cascais, além de serem o segundo fornecedor de jogadores para a Selecção Nacional.

O Técnico voltou a pecar pela enorme inconstância das exibições, alternando o muito mau com o muito bom. Embora não possua um "pack" avançado ganhador e dominador, tem umas linhas atrasadas talentosas e com inúmeras soluções tendo em Alfredo Simões o seu jogador mais eficaz.

Garantiu o primeiro lugar na série da descida de divisão, mas no derradeiro encontro frente ao CRAV ainda corria o risco de descer de divisão.

Se as alternativas nas linhas atrasadas são credíveis, o mesmo não se poderá dizer dos avançados, onde alguns dos jogadores são veteranos, não se vislumbrando substitutos à altura.

O CRAV fez um campeonato sóbrio, sendo a primeira equipa do grupo dos últimos a garantir a permanência na primeira divisão, fruto do excelente aproveitamento nos jogos em casa, onde bateu

A jovem equipa azul fez um bom campeonato (Foto de Carlos Carvalho / CM)



Campeonato

todos os seus mais directos adversários.

Tem no "pack" o seu sector mais forte, para além de possuir uma série de jovens talentosos nas linhas atrasadas. É dos "quinzes" que mais tem evoluído nos últimos anos, cimentando calma e paulatinamente um lugar entre as melhores equipas nacionais. Ppara além das vitórias frente à Académica, teve como ponto mais alto da época o empate obtido em Cascais.

O Benfica fez um campeonato irregular, acabando por descer de divisão. Tal facto não é inédito no historial do clube, tendo os "encarnados" sabido sempre ultrapassar estas situações passageiras da melhor forma.

Os benfiquistas viveram um ano de indefinições e podem-se queixar de alguma falta de sorte, para além de não terem contado com o "insubstituível" João Queimado durante parte da época.

Tem uma equipa algo envelhecida, mas conta com juniores de qualidade a subir de escalão, podendo a curto prazo voltar a jogar na primeira divisão.

O Direito, segundo classificado em 93-94, foi a grande desilusão da prova, fazendo um campeonato para esquecer.

Durante toda a época, os "advogados" só venceram dois jogos, avolumando um impressionante "score" de pontos sofridos (mais de 600 nas duas fases do campeonato).

Além do mais, ao longo da prova, Direito deu duas faltas de comparência, em Coimbra e em



Benfica e Direito caíram na segunda divisão (Foto de: Pedro Paiva / CM)

TODOS OS RESULTADOS DO CAMPEONATO

FASE DE APURAMENTO

94-95	Cascais	Direito	Benfica	CDUL	Belenenses	Técnico	Académica	CRAV
Cascais		72-18	17-17	6-8	15-7	23-8	13-14	20-20
Direito	11-35		3-0	13-35	3-14	0-77	0-43	16-8
Benfica	3-34	61-8		22-15	23-32	3-5	5-21	8-8
CDUL	15-6	21-0	5-13		11-23	32-3	19-9	43-3
Belenenses	16-45	15-0	24-5	10-16		12-23	17-10	34-13
Técnico	8-21	16-9	15-20	19-18	6-6		13-24	40-12
Académica	3-22	V. Fc.	51-0	15-10	22-15	10-8		15-16
CRAV	16-25	22-10	26-8	8-26	3-13	11-8	26-7	

FASE FINAL

Série Título

	Cascais	CDUL	Acad.	Belen.
Cascais		19-33	20-5	20-6
CDUL	13-13		5-14	12-18
Académica	6-19	6-3		15-11
Belenenses	9-25	19-17	14-6	

Descida Divisão

	Técnico	CRAV	Benfica	Direito
Técnico		49-13	13-23	15-3
CRAV	8-0		22-10	V. Fc.
Benfica	25-27	21-8		45-10
Direito	0-39	16-23	23-88	

Campeonato

Arcos de Valdevez, o que não deixa de ser lamentável.

Espera-se que a passagem pela segunda divisão possibilite aos "advogados", um dos históricos do rugby nacional, reconstruir o seu "quinze". Claro que com o novo regulamento para 95-96, o qual só prevê a subida de divisão a uma equipa, a luta que irão travar com o Benfica será empolgante. ●



AGRONOMIA CAMPEÃ DA SEGUNDA DIVISÃO

Agronomia sagrou-se campeã nacional da II divisão, enquanto a Lousã se classificou em segundo lugar, ascendendo ambos os "quinzes" à primeira divisão nacional.

Os agrónomos acabaram por triunfar com alguma facilidade, sofrendo apenas uma derrota na Lousã, e na penúltima jornada, por 15-14.

A Lousã, esteve até final em luta directa com o Rugby Clube de Coimbra, mas a maior qualidade e experiência do "quinze" da serra acabou por ditar leis.

A grande desilusão da fase final foi o CDUP, que fez um campeonato muito aquém das expectativas.



Nuno Mourão e João Catulo foram determinantes na subida à primeira divisão de Agronomia e Lousã

OS CAMPEÕES

1958-59	—	Belenenses
1959-60	—	Benfica
1960-61	—	Benfica
1961-62	—	Benfica
1962-63	—	Belenenses
1963-64	—	CDUL
1964-65	—	CDUL
1965-66	—	CDUL
1966-67	—	CDUL
1967-68	—	CDUL
1968-69	—	CDUL
1969-70	—	Benfica
1970-71	—	CDUL
1971-62	—	CDUL
1972-73	—	Belenenses
1973-74	—	CDUL
1974-75	—	Belenenses
1975-76	—	Benfica
1976-77	—	Académica
1977-78	—	CDUL
1978-79	—	Académica
1979-80	—	CDUL
1980-81	—	Técnico
1981-82	—	CDUL
1982-83	—	CDUL
1983-84	—	CDUL
1984-85	—	CDUL
1985-86	—	Benfica
1986-87	—	Cascais
1987-88	—	Benfica
1988-89	—	CDUL
1989-90	—	CDUL
1990-91	—	Benfica
1991-92	—	Cascais
1992-93	—	Cascais
1993-94	—	Cascais
1994-95	—	Cascais

		FASE APURAMENTO					FASE FINAL					PONTUAÇ. FINAL		
		JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	M / S	PONTOS	JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS		M / S	PONTOS
1º	CASCAIS	14	9	2	3	356-161	34	6	4	1	1	116-72	15	32
2º	BELENEN.	14	8	1	5	238-198	31	6	3	-	3	77-95	12	28
3º	ACADÉM.	14	9	-	5	246-144	32	6	3	-	3	52-72	12	28
4º	CDUL	14	9	-	5	277-150	32	6	1	1	4	83-89	9	25
5º	TÉCNICO	14	6	1	7	249-191	27	6	4	-	2	143-72	14	28
6º	CRAV	14	5	2	7	189-263	26	6	4	-	2	74-96	14	27
7º	BENFICA	14	4	2	8	186-263	24	6	4	-	2	212-103	14	26
8º	DIREITO ^{a)}	14	2	-	12	91-422	17	6	-	-	6	52-210	5	14

a) 2 Faltas de comparecência



CRAV, a manutenção com grande segurança



A irregularidade do Técnico quase o fez tombar na segunda divisão (Foto de: Marques Valentim / CM)

OS QUADROS DA ARBITRAGEM ESTÃO ENVELHECIDOS

Árbitros precisam-se!

EMÍLIO MATA PEREIRA, O PRESIDENTE DA ANAR TRAÇA O PANORAMA DA ARBITRAGEM, ALERTANDO QUE OS MELHORES ÁRBITROS ESTÃO A RONDAR OS QUARENTA ANOS, NÃO DESPONTANDO VALORES EM QUANTIDADE E QUALIDADE, E ALERTA A F.P.R., A QUAL DEVE OBRIGAR OS CLUBES A "DAREM" JUÍZES, FORMA DE MINORAR O PROBLEMA.

Rugby Magazine — Quais são os actuais problemas da arbitragem?

Emílio Mata Pereira — Os problemas da arbitragem passam fundamentalmente pela renovação dos quadros. Há falta de juizes quer em quantidade quer em qualidade. Está-se uma vez mais a tentar cativar os clubes, para arranjam ex-jogadores para a arbitragem.

Estamos ainda a fazer um trabalho de base com as associações, que estão a investir em árbitros muito jovens nos escalões de formação.

É bastante preocupante o actual panorama, porque neste momento todos os árbitros nacionais têm mais de quarenta anos, e urge uma renovação célere. Corremos o risco de dentro de 3/4 anos não termos árbitros de qualidade.

RM — O que é que a arbitragem necessita para evoluir, e como fazer a renovação dos poucos quadros existentes?

EMP — Precisa de sangue novo, de formação, e que a fonte



natural de recrutamento, os clubes, obriguem novos valores a virem para a arbitragem. Penso ainda que a FPR devia obrigar os clubes a darem nomes para a arbitragem. Só assim se poderá quebrar o potencial vazio que se avizinha.

Temos que aumentar a quantidade das pessoas envolvidas, para que daí surja a qualidade.

É preciso cativar pessoas para irem aos cursos, e é necessário que os clubes acarinhem os árbitros, não os relegando para o isolamento. O árbitro tem que ser

encarado como uma pessoa que ajuda o jogo e não como um inimigo dos trinta jogadores.

Perdeu-se o espírito das terceiras partes, o "gozo" do convívio e isso é importante para os árbitros.

RM — Consegue explicar-nos os critérios de nomeação para as fases finais das provas nacionais e para os jogos internacionais?

EMP — Desde o princípio da época que a Comissão de Arbitragem definiu como critério, nomear os melhores árbitros para os jogos mais importantes, sendo o critério o mesmo no tocante aos jogos internacionais.

Sem prejuízo deste critério, há necessidade de os testar e de renovar, e quer queiramos, quer não, os melhores jogos envolvem quase sempre as mesmas equipas. Há que alternar para que não se crie uma saturação entre árbitros e jogadores.

Existe uma comissão de avaliação que semanalmente manda avaliadores e observadores para avaliar os árbitros, fazendo um

relatório da observação. Há uma grelha de avaliação que ajuda o observador (avaliador), a restringir-se a certos parâmetros do trabalho do árbitro.

Periodicamente a comissão de avaliação reúne com a Comissão de Arbitragem, e aí é feito o escalonamento dos árbitros, saindo também dessas reuniões as recomendações para os árbitros que podem dirigir as fases finais.

RM — Tem criticado a falta de espaço dado à arbitragem, nomeadamente na Rugby Magazine. Sendo uma componente fundamental do jogo, não acha que os árbitros não devem ser as figuras deste, mas sim destacarem-se pela sobriedade, e pelo que fazem evoluir o próprio desenrolar do jogo?

EMP — O árbitro dentro das quatro linhas deve passar despercebido.

Quando digo que devem ser mais ouvidos, é na perspectiva de que a Rugby Magazine deve alertar para os problemas da arbitragem e nomeadamente para o problema da falta de juízes.

Posso-lhe dizer que todos os anos nos oferecemos para ir aos clubes esclarecer as alterações às leis e explicar o modo como arbitramos, e a aceitação tem sido reduzida.

RM — Qual é, do ponto de vista técnico-



As terceiras partes são um dos aspectos mais positivos do rugby

co, o sector do jogo onde os árbitros encontram mais

difficuldade em arbitrar?

EMP — Em todas as discussões havidas entre os árbitros, julgamos que os principais problemas residem na avaliação do jogo no chão e nos alinhamentos.

Na "touche" o trabalho está mais facilitado com a alteração do corredor para um metro.

Já no jogo no chão, exige-se que o árbitro tenha um bom conhecimento do que se está a passar, e uma excelente condição física para conseguir estar sempre em cima da bola. ●

OS HOMENS DAS FASES FINAIS

Inácio Mendes Silva
Emílio Mata Pereira
Arnaldo Neto
Levy Quitério
Vasilica
Álvaro Santos
João Caetano Nunes
Bénard Guedes



Emílio Mata Pereira em actuação no CDUL - Académica (Foto de Pedro Paiva / CM)

CONTAGEM FINAL JÁ COMEÇOU



**RUGBY
WORLD CUP
1995**

Austrália parte favorita

APÓS AS VITÓRIAS DA NOVA-ZELÂNDIA E AUSTRÁLIA NAS PRIMEIRAS EDIÇÕES, A PROVA CONSTITUIRÁ MAIS UMA OCASIÃO PARA TESTAR O PODERIO DOS DOIS HEMISFÉRIOS. CONTINUARÁ O SUL A DOMINAR O RUGBY MUNDIAL? PARA OS AUSTRALIANOS, A CAMPANHA FOI COGNOMINADA "MISSION REPEAT"...

Ninguém esperaria há 10 anos atrás que a III Taça do Mundo se viesse a realizar na África do Sul. Mas logo após o regresso dos "Springbocks" à cena internacional em 1992, a escolha do local para efectuar a prova só poderia recair num dos bastiões da modalidade, num país onde se vive o rugby de uma forma muito especial. E apesar de todos os obstáculos que se foram levantando à organização da prova: — instabilidade política, violência nas ruas, agitação social, dúvidas quanto à quantidade e condições das infra-estruturas de alojamento e apoio, estado dos relvados, etc. — tudo isso foi sendo ultrapassado e a cerca de um mês do seu pontapé-de-saída, pode-se já afirmar que a III Taça do Mundo constituirá um êxito desportivo e social, além de se poder considerar a mais importante competição desportiva mundial de 1995.

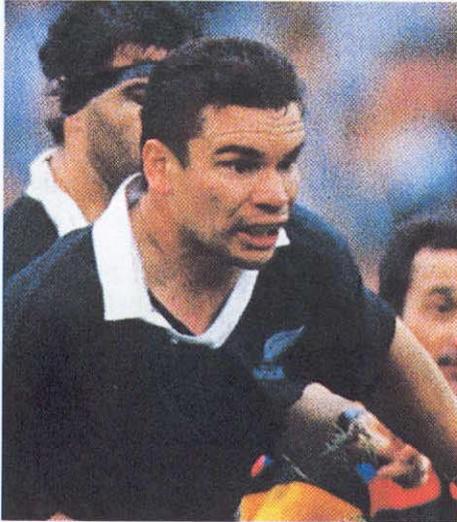
Passemoa agora a analisar a distribuição das equipas pelas 4 séries da primeira fase.

Na Série A, Austrália e África do Sul, adversários no jogo inaugural da prova, surgem como



Australianos marcam o único ensaio da final de 1991

T. do Mundo



Michael Jones disputará a sua terceira Taça do Mundo

os principais favoritos à passagem à fase seguinte. O único interesse advem do facto do vencedor da série "escapar" (em princípio) de jogar com a Inglaterra, provável vencedor da série B, nos quartos-de-final.

Ao Canadá, presente nos últimos oito há quatro anos, parece restar apenas o papel de "outsider", espreitando um deslize das duas selecções favoritas.

Na Série B, a Inglaterra, depois das suas concludentes últimas exhibições e vitória no Torneio

I T. MUNDO - 1987

Quartos de final

França, 31 - Fiji, 16
 Austrália, 33 - Irlanda, 15
 P. Gales, 16 - Inglaterra, 3
 N. Zelândia, 30 - Escócia, 3

Meias finais

França, 30 - Austrália, 24
 P. Gales, 6 - N. Zelândia, 49

3.º/4.º Lugar

P. Gales, 22 - Austrália, 21

Final

França, 9 - N. Zelândia, 29

II T. MUNDO - 1991

Quartos de final

Escócia, 28 - Samoa Ocid., 6
 Inglaterra, 19 - França, 10
 Austrália, 19 - Irlanda, 18
 N. Zelândia, 29 - Canadá, 13

Meias finais

Escócia, 6 - Inglaterra, 9
 Austrália, 16 - N. Zelândia, 6

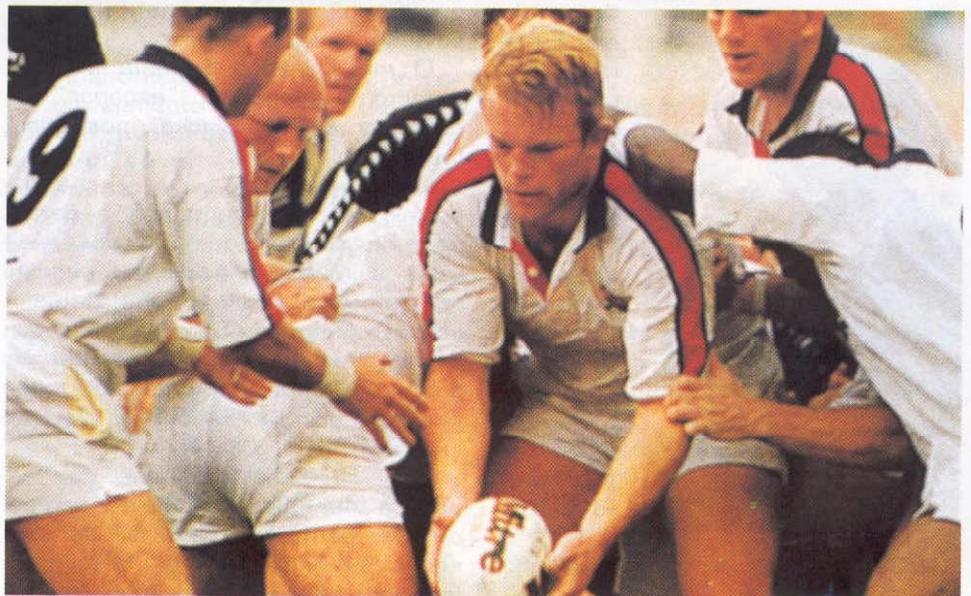
3.º/4.º Lugar

N. Zelândia, 13 - Escócia, 6

Final

Inglaterra, 6 - Austrália, 12

Data	Localidade	Série	Jogo
25/5	Cape Town	A	Austrália - África do Sul
26/5	Rustenburg	D	Escócia - Costa do Marfim
	Pretória	D	França - Tonga
	Port Elizabeth	A	Canadá - Roménia
27/5	East London	B	Samoa - Itália
	Bloemfontein	C	P. Gales - Japão
	Durban	B	Inglaterra - Argentina
	Johannesburg	C	N. Zelândia - Irlanda
30/5	East London	B	Samoa - Argentina
	Cape Town	A	África do Sul - Roménia
	Rustenburg	D	França - Costa do Marfim
	Pretória	D	Escócia - Tonga
31/5	Port Elizabeth	A	Austrália - Canadá
	Bloemfontein	C	Irlanda - Japão
	Durban	B	Inglaterra - Itália
	Johannesburg	C	N. Zelândia - P. Gales
3/6	Rustenburg	D	Tonga - Costa do Marfim
	Stellenbosch	A	Austrália - Roménia
	Pretória	D	Escócia - França
	Port Elizabeth	A	Canadá - África do Sul
4/6	East London	B	Argentina - Itália
	Bloemfontein	C	N. Zelândia - Japão
	Johannesburg	C	Irlanda - P. Gales
	Durban	B	Inglaterra - Samoa
10/6	Durban Johannesburg	(E)	Vencedor D - 2.º Class. C
		(F)	Vencedor A - 2.º Class. B
11/6	Cape Town Pretória	(H)	Vencedor B - 2.º Class. A
		(G)	Vencedor C - 2.º Class. D
17/6	Durban		Vencedor E - Vencedor F
18/6	Cape Town		Vencedor G - Vencedor H
22/6	Pretória		3.º e 4.º lugares
24/6	Johannesburg		Final



Tim Rodber e a Inglaterra defendem o título de vice-campeões mundiais



Samoa liderada por Fatialofa quer voltar a ser sensação

das 5 Nações, apresenta-se como única favorita e apresta-se para na fase seguinte defrontar o segundo classificado da Série A (Austrália? África do Sul?), naquele que constituirá o grande jogo dos quartos-de-final.

A Samoa Ocidental, grande destaque da última Taça do Mundo, deverá ser a outra selecção apurada. Mas terá que ter em atenção a sempre difícil Argentina e uma Itália em evolução, ambas capazes de causar surpresas.

Na Série C. a Nova Zelândia, contando com três sobreviventes da formação vitoriosa em 87 (o capitão Sean Fitzpatrick, Michael Jones e Zinzan Brooke), vencerá certamente com facilidade a série.

Quanto à outra equipa com acesso à fase seguinte, Irlanda e País de Gales disputarão o apuramento taco-a-taco, numa luta fratricida e imprevisível. Se a tradição "mandar" e a onda de lesões passar, vencerão os galeses. Se valerem as últimas prestações das duas equipas, os irlandeses triunfarão. A 4 de Junho ter-se-á a resposta.

Na Série D. a França, apesar



Contestado Berbizier terá um difícil teste

do mal-estar interno provocado pelo desastroso Torneio das 5 Nações efectuado esta época, apresenta-se como o principal favorito. Aliás aos galeses, só resta-

rá mesmo subir de produção em relação ao rugby praticado nos últimos jogos. Mas a Escócia, grande surpresa do Torneio (e que inclusivamente venceu a França em Paris), poderá causar sensação.

Para ambas, contudo, um sinal de aviso: a selecção do Tonga, "carrasco" das Fiji na fase de qualificação, não constituirá um adversário para desprezar.

O maior incentivo desta série é o facto do vencedor "escapar" de defrontar os "All-Blacks" nos quartos-de-final.

Após esta fase inicial, e do sorteio que apresentamos à parte, pode-se concluir que um dos finalistas sairá em princípio do seguinte quinteto: França - P. Gales / Irlanda - Austrália - Samoa Ocidental. A segunda selecção presente na final será uma das seguintes quatro: N. Zelândia - Escócia - Inglaterra - A. Sul.

Fácil se torna constatar, que se para a Austrália o caminho parece apontar para uma repetição da presença da final de 91 — talvez por isso os campeões do mundo chamem "Mission Repeat" à sua pre-

SOLTAS

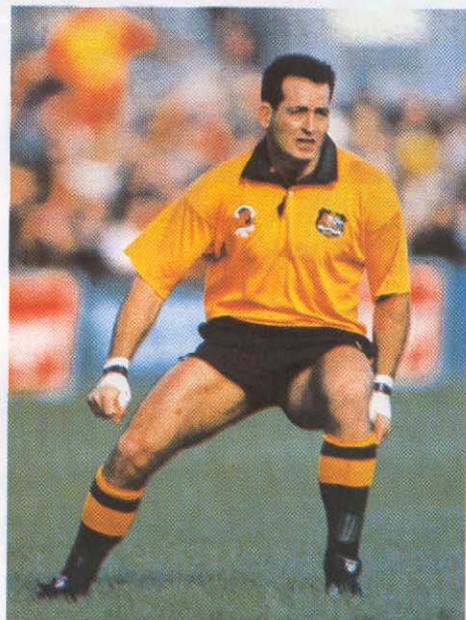
- **O treinador da selecção da África do Sul,** Kitch Christie, não se manterá no seu posto para além da Taça do Mundo, qualquer que seja o lugar atingido pela sua equipa. "Tenho que ocupar-me dos meus negócios, e treinar uma selecção nacional deve constituir neste momento em trabalho a tempo inteiro. É impossível efectuar as duas coisas ao mesmo tempo".

Christie, contudo, não deverá abandonar a modalidade, já que pensa retomar o seu posto como responsável pela equipa do Transvaal.

- **Peter Fatialofa** deverá ser de novo escolhido como capitão da selecção da Samoa Ocidental, tal como aconteceu na Taça do Mundo 91. Fatialofa, que contará 36 anos na África do Sul, será o mais velho dos capitães das 16 selecções presentes.

- **A selecção do Tonga,** após 8 anos de ausência na prova, decidiu seguir o exemplo da Samoa, e recorreu a jogadores nativos que evoluem noutros países, a fim de melhorar o nível da sua formação: 21 jogadores virão da Nova Zelândia, 16 da Austrália, com Japão e Formosa a contribuírem com um jogador cada. Os 16 restantes jogam no próprio país.

- **Daniel Manu e Fili Finau** encontram-se numa situação original: escolhidos para a lista inicial de 30 nomes da "training squad" australiana, constam igualmente da lista de 55 jogadores que a selecção do Tonga tem como pré-seleccionados para a África do Sul. Originários do Tonga, os dois jogadores, caso falhem a presença na equipa da Austrália, seu país de opção, poderão decidir-se por representar a sua selecção de origem.



David Campese pretende despedir-se com mais um título

sença na África do Sul —, já o segundo finalista se torna muito mais difícil de prognosticar, com três "gigantes" e uma forte Escócia a discutirem palmo a palmo a presença em 24 de Junho em Joanesburgo na final da III Taça do Mundo. ●

COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA NO RUGBY

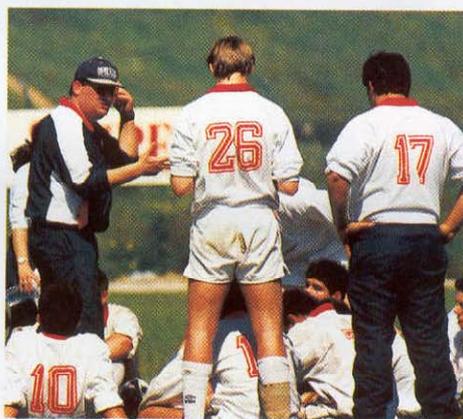
Treinadores e atletas: Perspectivas semelhantes?

Henrique Rocha & António Manuel Fonseca

1. Introdução

Uma das áreas que, actualmente, mais interesse concita entre os investigadores da psicologia do desporto é a das relações entre treinadores e atletas. Para estudar a liderança em contextos desportivos, os investigadores apoiaram-se conceptualmente, numa fase inicial, em teorias desenvolvidas noutros contextos (e.g., psicologia das organizações). Todavia, considerando que a liderança em contextos desportivos se reveste de características próprias, Chelladurai e colaboradores (Chelladurai, 1978; Chelladurai & Carron, 1978), desenvolveram um modelo multidimensional de liderança, rapidamente adoptado por numerosos investigadores nos seus estudos (para mais detalhes, ver Chelladurai, 1993).

Para testar o modelo proposto, Chelladurai e Saleh (1978; 1980) elaboraram a Leadership Scale for Sports (LSS) que Serpa e colaboradores traduziram (Serpa et al., 1988) e validaram para o contexto nacional (Serpa, 1993) dando-lhe o nome de Escala de Liderança para o Desporto (ELD). A ELD é constituída por uma lista de 40 comportamentos de liderança, agrupados em cinco dimensões: a do Treino e Instrução (que inclui comportamentos que visam o desenvolvimento do rendimento desportivo dos atletas, como, por exemplo, os relacionados com a aprendizagem e/ou o aperfeiçoamento de habilidades desportivas), a Democrática (que inclui comportamentos que possibilitam a intervenção dos atletas, por exemplo, em assuntos relacionados com as actividades da equipa), a Autocrática (que inclui comportamen-



(Foto de Octávio Paiva / CM)

tos que exaltam a autoridade do treinador ou a sua independência no que concerne as decisões que toma), a do Suporte Social (que inclui comportamentos que visam o bem estar dos atletas e a promoção de um bom espírito de equipa) e a do Reforço (que inclui comportamentos que se relacionam com o reconhecimento e a recompensa dos bons resultados alcançados pelos atletas).

A elaboração da LSS veio provocar um aumento no número de estudos desenvolvidos sobre esta temática, não só no que concerne ao panorama internacional (para mais detalhes, ver Chelladurai, 1993) mas também ao nacional (para mais detalhes, ver Serpa, 1990; 1993).

No entanto, apesar do crescente número de estudos desenvolvidos recentemente, e da diversidade de desportos estudados, desde o voleibol (e.g., Serpa e Antunes, 1989) ao fitness (e.g., Keehner, 1988), passando pelo futebol (e.g., Fonseca et al., 1994), andebol (e.g., Serpa et al., 1991), luta (e.g., Dwyer e Fischer, 1988) ou judo (e.g., Serpa e

Valadares, 1991), não conhecemos nenhum desenvolvido com atletas de rugby.

Por outro lado, apesar de alguns autores (e.g., Vanfraechem-Raway, 1992) terem sublinhado a importância assumida pelo nível de conhecimento dos treinadores acerca dos seus atletas na relação treinador-atleta e na eficácia da equipa, apenas conhecemos um estudo (Fonseca et al., 1994) sobre o conhecimento que os treinadores possuem acerca das preferências dos seus atletas, no que concerne aos comportamentos de liderança.

Assim, decidimos realizar um estudo que analisasse não só os comportamentos de liderança preferidos pelos atletas de rugby, mas também as percepções que os seus treinadores possuíam acerca dessas mesmas preferências.

2. Metodologia

Sujeitos

Participaram neste estudo os atletas da selecção nacional de juniores de rugby e os seus respectivos treinadores. Os atletas provinham de diversos clubes (8) e tinham idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos. Os treinadores eram licenciados em Educação Física e tinham sido igualmente atletas de rugby.

Instrumentos

O instrumento utilizado foi a Escala de Liderança no Desporto que é uma versão traduzida e validada por Serpa e colaboradores (Serpa et al., 1989; Serpa, 1993) da Leadership Scale for

Estudo

Sports (Chelladurai e Saleh, 1980). Tal como referimos anteriormente, a ELD consiste numa lista de 40 comportamentos de liderança correspondentes a cinco dimensões: a dos comportamentos de Treino e Instrução (13 itens), a dos comportamentos Democráticos (9 itens), a dos comportamentos de Suporte Social (8 itens), a dos comportamentos Autocráticos (5 itens) e a dos comportamentos de Reforço (5 itens). Os sujeitos responderam, numa escala de Likert de 5 pontos, acerca da frequência de cada um dos 40 comportamentos (1 = nunca, 2 = raramente, 3 = ocasionalmente, 4 = frequentemente e 5 = sempre).

Enquanto os atletas responderam a uma versão relativa às suas preferências sobre os comportamentos de liderança (todos os itens eram precedidos pela afirmação "Eu prefiro que o meu treinador..."), os treinadores responderam a três versões que apenas diferiam em relação à afirmação que precedia cada um dos itens. Assim, numa versão todos os itens eram precedidos pela afirmação "Os meus atletas preferem que o seu treinador...", noutra versão todos os itens eram precedidos pela afirmação "O ideal para os meus atletas seria o seu treinador...", e na outra versão todos os itens eram precedidos pela afirmação "Eu...". A ordem de preenchimento destas três versões foi aleatória.

Procedimentos

Depois de obtido o consentimento de cada um dos participantes deste estudo, foi-lhes apresentado o questionário durante um estágio de selecção. Nenhum dos sujeitos deste estudo evidenciou quaisquer dificuldades no preenchimento do questionário.

Todos os sujeitos foram esclarecidos acerca dos objectivos do estudo, e a todos eles foi garantida total confidencialidade em relação aos dados recolhidos.

3. Resultados

Quadro 1. Comportamentos de liderança preferidos pelos atletas. Médias e desvios-padrão das respostas dos atletas

Dimensões	Média +/- Desvio Padrão	Ordem de Importância
Treino e Instrução	4.46	1.º/CI
Democrática	3.20	1.º/CD
Autocrática	1.95	2.º/CD
Suporte Social	3.62	2.º/CI
Reforço	3.60	3.º/CI

Os comportamentos que reuniram a maior preferência por parte dos atletas foram os relacionados com o Treino e Instrução (ver Quadro 1). Se considerarmos a escala em que os sujeitos responderam (ver metodologia: instrumentos) constatamos, igualmente, que os atletas gostariam que os comportamentos relacionados com o Suporte Social e com o Reforço ocorressem, mais do que ocasionalmente, frequentemente.

Ao invés, os comportamentos relacionados com as tomadas de decisão (Autocráticos e Democráticos) foram os comportamentos que os atletas referiram congregarem menor preferência da sua parte. Inclusivamente, segundo as preferências dos atletas, os comportamentos Autocráticos apenas deveriam suceder "raramente".

Quadro 2. Comportamentos de liderança preferidos pelos atletas. Médias e desvios-padrão das respostas dos treinadores

Dimensões	Média +/- Desvio Padrão	Ordem de Importância
Treino e Instrução	4.81	2.º/CI
Democrática	2.83	2.º/CD
Autocrática	3.00	1.º/CD
Suporte Social	4.20	3.º/CI
Reforço	5.00	1.º/CI

A opinião dos treinadores acerca das preferências dos atletas era, todavia, diferente (ver Quadro 2). De facto, para os treinadores, os comportamentos de liderança preferidos pelos atletas eram os relacionados com o Reforço (deveriam ocorrer sempre), seguidos pelos relativos ao Treino e Instrução (com uma frequência próxima de sempre). Por outro lado, apesar das respostas dos treinadores convergirem com as dos atletas em relação à menor preferência dos atletas pelos comportamentos relacionados com as tomadas de decisão (frequência a variar entre raramente e ocasionalmente), também no que diz respeito aos comportamentos menos preferidos os treinadores responderam de forma dissemelhante aos atletas.

De facto, enquanto para os atletas os comportamentos Democráticos eram preferidos aos Autocráticos, segundo os treinadores os atletas preferiam os comportamentos Autocráticos em detrimento dos Democráticos.

Quadro 3. Comportamentos de liderança ideais para os atletas. Médias e desvios-padrão das respostas dos treinadores

Dimensões	Média +/- Desvio Padrão	Ordem de Importância
Treino e Instrução	4.88	1.º/CI
Democrática	2.17	2.º/CD
Autocrática	3.20	1.º/CD
Suporte Social	3.75	3.º/CI
Reforço	4.70	2.º/CI

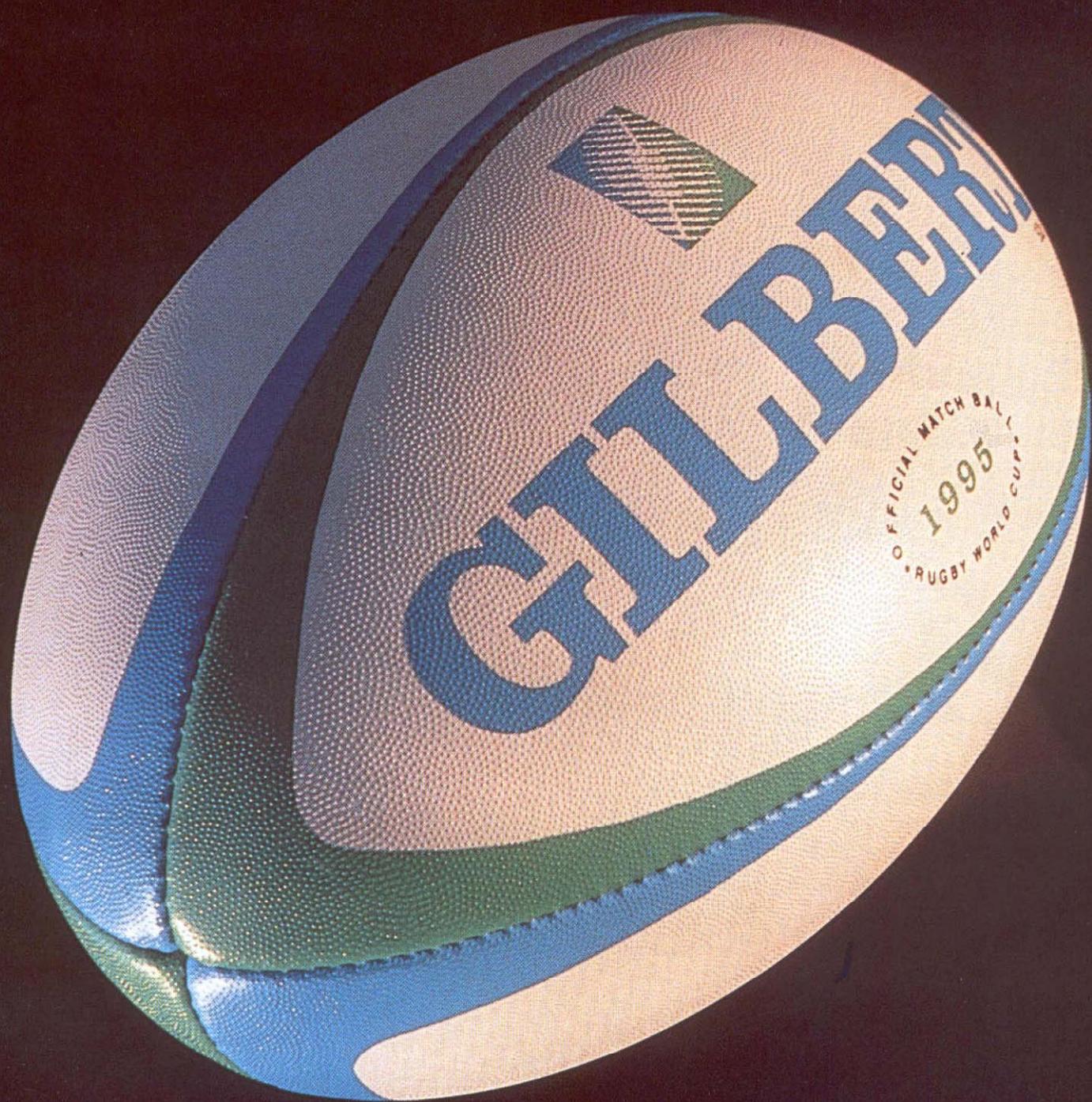
Segundo os treinadores, os comportamentos ideais para os seus atletas eram os relativos ao Treino e Instrução, seguidos dos relacionados com o Reforço (ver Quadro 3). Inclusivamente, na perspectiva dos treinadores, estes comportamentos deveriam ocorrer com uma frequência bastante elevada (quase sempre). No lado oposto, deveriam situar-se os comportamentos relacionados com as tomadas de decisão, fundamentalmente os de características Democráticas (deveriam ocorrer raramente).

Quadro 4. Comportamentos de liderança reais. Médias e desvios-padrão das respostas dos treinadores.

Dimensões	Média +/- Desvio Padrão	Ordem de Importância
Treino e Instrução	4.50	1.º/CI
Democrática	2.67	2.º/CD
Autocrática	2.90	1.º/CD
Suporte Social	3.62	3.º/CI
Reforço	4.40	2.º/CI

No que concerne à realidade, segundo a opinião dos treinadores, os comportamentos de liderança mais frequentes eram os relacionados com o Treino e Instrução, seguidos pelos comportamentos relacionados com o Reforço (ver Quadro 4). A frequência habitual destes comportamentos variava entre frequentemente e sempre. Por outro lado, os comportamentos que envolviam a tomada de decisão eram os menos frequentes, com os comportamentos Democráticos a serem considerados como os menos frequentes. A frequência com que os comportamentos relacionados com a tomada de decisões ocorriam, segundo os treinadores, era reduzida (entre raramente e ocasionalmente).

Continua no próximo número



Official match ball for the 1995 World Cup.

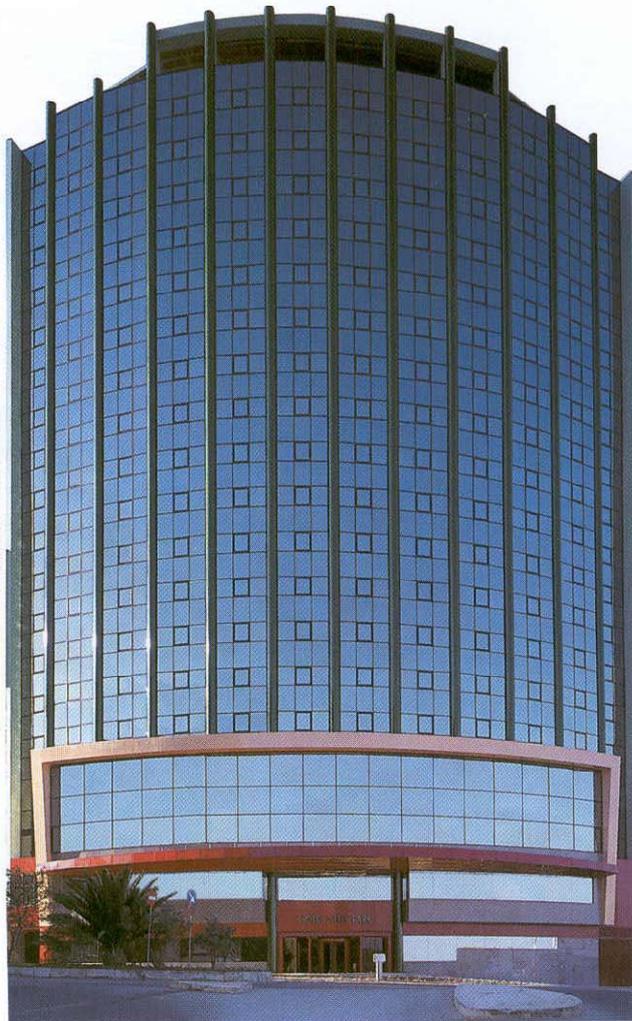
James Gilbert (Rugby Footballs) Ltd.

5, St. Matthews Street, Rugby CV21 3BY, England. Tel: 0788 542426 Fax: 0788 540795

Conforto. Classe. Inovação. Na Rota da EXPO 98



O ALTIS PARK HOTEL dispõe de um dos mais modernos Centros de Congressos de Lisboa, com um Auditório devidamente equipado e com capacidade para 260 pessoas.



O ALTIS PARK dispõe de 300 confortáveis quartos, dos quais 15 são suítes. O "lugar de encontro" é o simpático Bar, situado no hall do hotel.



ALTIS PARK HOTEL

CONFORTO. O Altis Park Hotel dispõe de 300 quartos (dos quais 15 suítes), confortavelmente decorados, com ar condicionado, TV por satélite, rádio, telefone directo, minibar e totalmente insonorizados.

CLASSE. Pertencendo ao Grupo ALTIS, o Altis Park Hotel é um dos mais modernos hotéis de 4 estrelas de Lisboa, situado na Encosta das Olaias, na confluência das vias de acesso à EXPO 98.

INOVAÇÃO. O Altis Park Hotel oferece um dos mais modernos Centros de Congressos, Seminários e Banquetes de Lisboa, em 2 pisos de salas com capacidades de 20 até 1.500 pessoas. Na sua maioria as salas possuem luz natural e vista panorâmica, podendo ser divididas até 11 salas independentes e insonorizadas. Dispõe ainda de um moderno Auditório com capacidade de 260 lugares, devidamente equipado.

Av. Eng. Arantes e Oliveira, 9 - 1900 LISBOA
Telef.: (01) 846 08 66/7/8 - Fax: (01) 846 08 38